



ROMANCE DE FORMAÇÃO AMAZÔNICO: USOS E DESVIOS EM *CARABOBO* (2023), DE AGRIPINO FREIRE

AMAZONIAN COMING-OF-AGE NOVEL: USES AND DEVIATIONS IN *CARABOBO* (2023), BY AGRIPINO FREIRE

DOI: 10.5281/zenodo.17604835



Anderson Ricardo Nunes da Silva¹

“Vais encontrar o mundo” – disse-me meu pai à porta do Ateneu.
(Raul Pompeia, *O Ateneu*)

Resumo: Este artigo apresenta uma abordagem acerca do romance *Carabobo* (2023), de Agripino Freire. Para tal, toma-se o conceito de romance de formação e, a partir dele, são direcionados os seus usos e desvios na obra por intermédio de três vocábulos que rondam a narrativa, quais sejam: *bambino*, *ragazzo* e *uomo*. Faz parte dessa proposta uma leitura que considera romance de formação como uma perspectiva conceitual que se movimenta, que transita e cria os seus afluentes, por meio dos quais seja possível vislumbrar a transgressão e a mutação do gênero *Bildungsroman*. Desse modo, aproxima-se de uma noção de romance de formação amazônico, que por si mesmo já deflagra um desvio das fontes europeias. Ao lado de nomes como Milton Hatoum e Dalcídio Jurandir; Agripino Freire demarca as suas impressões e rasuras ao narrar uma história permeada de ganhos e perdas dentro de várias outras histórias: vida escolar, experiências profissionais, amores juvenis, iniciação à esfera pública; recordações afetivas que convergem para o seu romance inaugural, ambíguo, sinuoso e irônico, evidenciando as memórias picarescas de um protagonista tipicamente malandro. Mazzari (1999), Pressler (2020), Moretti (2020) e Candido (2023) constituem a base teórica que mobiliza as questões elencadas.

Palavras-chave: Romance de formação. Literatura amazônica contemporânea. *Carabobo*.

¹ Mestrando em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPG-ML/UNIR). Graduado em Letras/Português pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Email: anderson20_ricardo@hotmail.com





Abstract: This article presents an approach to the novel *Carabobo* by Agripino Freire. To achieve this, the concept of the coming-of-age novel is employed, and from it, the uses and deviations in the work are presented through three words that hover around the narrative: *bambino*, *ragazzo*, and *uomo*. This proposal includes a reading that considers the coming-of-age novel as a conceptual perspective that moves, transitions, and creates its own tributaries, through which it is possible to glimpse the transgression and mutation of the *Bildungsroman* genre. Thus, it approaches a notion of an Amazonian coming-of-age novel, which in itself already signals a deviation from European sources. Alongside figures like Milton Hatoum and Dalcídio Jurandir; Agripino Freire marks his own impressions and erasures as he narrates a story filled with gains and losses within various other stories: school life, professional experiences, youthful loves, initiation into the public sphere; affective memories that converge into his inaugural, ambiguous, sinuous, and ironic novel, highlighting the picaresque memories of a typically cunning protagonist. Mazzari (1999), Pressler (2020), Moretti (2020) and Candido (2023) form the theoretical foundation that drives the listed issues.

Keywords: Coming-of-age novel. Contemporary Amazonian literature. *Carabobo*.

Resumen: Este artículo presenta un enfoque sobre la novela *Carabobo* de Agripino Freire. Para ello, se utiliza el concepto de novela de formación y, a partir de él, se conducen sus usos y desviaciones en la obra mediante tres vocablos que giran alrededor de la narrativa: *bambino*, *ragazzo* y *uomo*. Esta propuesta incluye una lectura que considera la novela de formación como una perspectiva conceptual que se mueve, que transita y crea sus afluentes, a través de los cuales es posible vislumbrar la transgresión y la mutación del género *Bildungsroman*. De esta manera, se acerca a una noción de novela de formación amazónica, que por sí misma ya demuestra una desviación de las fuentes europeas. Junto a figuras como Milton Hatoum y Dalcídio Jurandir; Agripino Freire señala sus impresiones y correcciones al narrar una historia llena de ganancias y pérdidas dentro de varias otras historias: vida escolar, experiencias profesionales, amores juveniles, iniciación en la esfera pública; recuerdos afectivos que convergen en su novela inaugural, ambigua, sinuosa e irónica, destacando las memorias picarescas de un protagonista típicamente pícaro. Mazzari (1999), Pressler (2020), Moretti (2020) y Candido (2023) constituyen la base teórica que moviliza las cuestiones enumeradas.

Palabras clave: Novela de formación. Literatura amazónica contemporánea. *Carabobo*.

INTRODUÇÃO

A tradição romanesca tem como marco a obra *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, de autoria de Goethe, a qual apresenta o percurso de vida do personagem, com suas vitórias e derrotas; a formação do protagonista. A partir desse romance, germinou o conceito alemão de *Bildungsroman*, cuja tradução verteu-se em romance de formação. Nesses enredos, é comum o leitor acompanhar o amadurecimento intelectual, as alegrias, as desventuras, os dilemas e os aprendizados desses heróis e heroínas da ficção. *Orgulho e Preconceito*, *Jane*





Eyre e *David Copperfield* são alguns dos exemplos ingleses dessa mesma linha narrativa, bastante profícua na literatura europeia.

No Brasil, encontram-se pesquisas que articulam *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, a esse conceito, e para fazer prevalecer a esfera que caracteriza o romance de formação – que é justamente a trajetória marcada por agruras rumo a uma compreensão sobre a vida e destino –, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* talvez seja um exemplo nacional de romance de formação às avessas. Posteriormente, as peripécias e desafios do adolescente Sérgio em um colégio interno salientaram as aproximações do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia, com o gênero. Um outro exemplo nacional é o *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, o qual, segundo Willi Bolle (2023), é um romance de formação do Brasil, articulando o conceito em sua acepção literária, mas valendo-se também da polivalência do termo formação.

Esses romances supracitados demonstram que, embora tal conceito esteja associado à tradição europeia, suas transformações encontram-se presentes em outras literaturas, inclusive na brasileira. Aliás, transformação é uma palavra-chave para se compreender o romance de formação. Se por um lado, acompanhamos nesses romances a trajetória de vida dos seus protagonistas em direção a um aprendizado, por outro, o próprio gênero romance de formação sofre as suas devidas transformações. Evidentemente, após o romance goethiano que inaugura o conceito, o que acompanhamos são variações, usos e desvios conceituais.

Isso significa que, para cada romance, a depender das condições históricas em que o enredo se engendra, da posição social e econômica de seu protagonista – ou ainda, da questão do gênero, se se trata de um personagem masculino ou feminino –, isso implicará em um aspecto particular conferido à trama. Em Jane Austen, é possível acompanhar os dilemas das moças inglesas e seus percalços rumo a uma estabilidade financeira alcançada por meio do casamento. Em Charles Dickens, estamos frente a personagens arruinados economicamente que percorrem as ruas de Londres, como é o caso dos protagonistas David Copperfield e Philip Pirrip. Ademais, essa dinâmica dos meninos em situação de rua ou simplesmente crianças e adolescentes baderneiros parece ter influenciado um outro clássico do gênero, *Os meninos da Rua Paulo*, romance húngaro do escritor Ferenc Molnár.





Já na cena contemporânea brasileira, Milton Hatoum é um dos nomes que tem se destacado nos últimos anos. Interessa-nos dois de seus romances, a saber, *Dois Irmãos* e *Noite da espera*, obras nas quais é possível apreender, mais diretamente, acerca das nuances do romance de formação, e, talvez, possamos dar um passo além, que é imaginar e envolver o romance de formação amazônico.

Nesse sentido, valemo-nos dessa tradição europeia, intrinsecamente vinculada ao conceito, para, então, trilhar um caminho envolto por configurações, desvios e afluentes. Em *Dois Irmãos*, por exemplo, acompanhamos a ruína de uma família libanesa residente em Manaus, dividida pelo ódio dos gêmeos Omar e Yakub. Em meio às desavenças e ao amadurecimento dos irmãos, o narrador trafega entre questões históricas do Brasil, como a Ditadura Militar, e a construção de um espaço geográfico profundamente característico, o qual é abraçado pelas águas dos Rios Negro e Solimões, gêmeos e distintos ao mesmo tempo. Nessa esteira, por onde se situa o romance de formação amazônico, a narrativa primogênita de Agripino Freire, nascido em Recife, lança suas cartas por meio de um gênero idiossincrático e insurgente quanto à identificação de suas marcas.

A seguir, no que tange à estrutura do artigo, primeiramente esboçamos noções acerca do conceito de romance de formação. Em seguida, apontamos o que nomeamos como desvios do gênero, considerando que estamos defendendo linhas de direção contrárias ao gênero europeu, demarcando, dessa forma, ao lado de outros escritores amazônicos, a implicação do romance de formação amazônico. E finalmente, apresentamos nossa análise do romance *Carabobo*, a partir da marcação de passagens e de certos traços que demonstram, sugerem ou insinuam a vida, as opiniões e as ambições do protagonista.

1. O romance de formação: aprendizagens e (des)aprendizagens no meio do caminho

Primeiramente, vamos a um exercício de compreensão desse gênero, por meio de uma chave de leitura indicada por Marcus Vinicius Mazzari (1999). Em suas palavras:





No romance *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, a expansão plena e harmoniosa das capacidades do herói, a realização efetiva de sua totalidade humana é projetada no futuro e sua existência apresenta-se assim como um “estar a caminho” rumo a uma mestria ou sabedoria de vida, a qual é representada menos como meta a ser efetivamente alcançada do que como direção ou referência a ser seguida. As possibilidades e limites de tal realização são refletidos nesse gênero literário, sendo que o “telos” da totalidade é representado como contraste à imagem do herói ainda não “formado”. (Mazzari, 1999, p. 73)

Isto posto, não pretendemos escamotear relações entre as afinidades eletivas e as diferenças entre *Carabobo* e os romances europeus vistos sob a ótica do romance de formação, mas sim buscamos, ao longo da análise; as ramificações e configurações desse conceito, considerando as questões estéticas, sociológicas e geográficas brasileiras, as quais também são determinantes para definir e diferir o gênero das premissas que o contornam.

Portanto, romance de formação constituir-se-á como um fio condutor capaz de nortear as abordagens do artigo. De certo modo, cada um dos escritores que deram continuidade à tradição do romance de formação o fez a sua forma. Sejam Jane Austen, Charles Dickens, Charlotte Brönte ou quaisquer dos sucessores de Goethe, estes significaram uma rasura ou interdição no gênero *Bildungsroman*. Basicamente, o cerne que orienta e particulariza a evidência do romance de formação é a posição econômica geralmente elevada do protagonista, e que, portanto, pode se deslocar pelo mundo, viajar, transitar, percorrê-lo geograficamente em destino a sua educação pessoal. Mas, como se vê, essa ideia precisa ser relativizada, haja vista que os próprios romances europeus, descendentes diretos do *Bildungsroman*, não comportam tais características.

Conforme se nota por meio dos exemplos de romances que possuem elementos do romance de formação, há um debate acerca daqueles que reivindicam certa legitimidade em torno do conceito, o que demonstra que o gênero é pouco afeito à representatividade. Ainda no tocante à produção literária brasileira, e verticalizando a questão para o romance de formação amazônico, Dalcídio Jurandir foi um dos escritores cuja obra é abordada a partir desse conceito, conforme se verifica no ensaio “Aprendizagem e fracasso do jovem Alfredo: Dalcídio Jurandir e o romance moderno de formação na Amazônia Oriental”, de autoria de Gunten Karl Pressler (2020):

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.3.n.5. out/nov/dez. 2025 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Quais são as possibilidades de o personagem do romance de formação tomar decisões autodeterminadas (*selbstbestimmt*), em vez de ser alienado (*fremdbestimmt*)? O papel do tipo de narrador é fundamental, assim como as entradas dos discursos próprios dos personagens, aquilo que Mikhail Bakhtin entende como “arquitetura do romance” e sua “polifonia”. No romance de formação “seus temas não se resolvem na estrutura narrativa, se esta é determinada pela teleologia”, salienta Klaus-Dieter Sorg e aponta para a questão desse subgênero ficcional no seu desenvolvimento como romance moderno. Autodeterminação, medo da alienação, idiosincrasia e obediência e subordinação ao destino, no romance moderno, são representados e estão à mercê da interpretação. (Pressler, 2020, p. 228)

Assim, para arrematar a questão engendrada a respeito dos “desvios” do romance de formação, o autor complementa:

Se o debate sobre o *Bildungsroman*, na Alemanha, é difícil e multifacetado, imagine-se num contexto muito diferente de um país como o Brasil, com sua história de colonização e um sistema de formação escolar e profissional importado e dependente dos objetivos das classes dominantes, assim como de outros países e do governo federal. (Pressler, 2020, p. 228)

De modo geral, a exemplo de *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*, que se consagrou como narrativa máxima do romance de formação, cultivou-se muito a premissa de que o herói característico deste gênero descende de uma classe econômica favorecida. No entanto, essa ideia não se sustenta quando se leva em consideração os protagonistas dos romances ingleses de Austen, Dickens e Brönte. Ou seja, mesmo quando pensamos nos similares europeus, o conceito de *Bildungsroman* – pensado puramente – não se equivale com os seus pares, considerando que nesses três supramencionados autores ingleses as dificuldades financeiras movem as ações de seus protagonistas.

A obra de Hatoum torna-se uma espécie de artéria condutora para uma questão como essa, uma vez que, ao fazer transparecer referências da Ditadura Militar em sua narrativa, o autor mobiliza uma incursão que está diretamente vinculada ao Brasil. Desse modo, Hatoum insere em sua narrativa um elemento nacional, promovendo um desvio do conceito de romance de formação de raiz europeia. E tal distinção diz respeito à formação individual que cada personagem representa em um determinado contexto social, conforme assinala Mikhail





Bakhtin (2003, p. 220): “A formação do homem pode, entretanto, ser muito diversificada. Tudo depende do grau de assimilação do tempo histórico real”.

Franco Moretti (2020), especialista na temática, destaca os questionamentos existentes quanto à prefiguração do gênero em narrativas que se desviam de certos aspectos do romance de formação. Consoante o autor, a presença de um herói aristocrata ou burguês é fator dominante do gênero, afinal, as condições econômicas condicionam e proporcionam viagens, deslocamentos, enfim, a mobilidade necessária à formação:

Sejamos claros, não se trata aqui apenas de uma questão de representação, mas de *realidade*. “Os jovens operários não se beneficiam, como os jovens burgueses, desse tempo de latência e de formação que possibilita uma sociabilidade adequada e eventualmente uma expressão autônoma” – escreve Michelle Perrot em um belo ensaio recente –, o precoce encaminhamento ao trabalho absorve suas energias sem lhes dar os direitos dos adultos”. Uma juventude mais breve, mais dura para os heróis desses romances, que buscam se libertar da maldição do trabalho manual e impõem a si mesmos, assim, um duplo esforço. Nas autobiografias literárias “falam muito mais de disciplina que de revolta”, escreve ainda Perrot, e nos vem à mente o feroz autocontrole de Judas e Martin Eden: as noites de estudo, os últimos centavos que vão embora em um livro, a fome, a solidão... (Moretti, 2020, p. 16-17)

Se por um lado, Hatoum significa um monumento no romance de formação amazônico, quais seriam as possíveis correlações que podemos estabelecer entre ele e os demais autores(as) da Amazônia? Existe uma estética do romance de formação amazônico? Se sim, quais fatores a determinam quanto à sua especificidade? Seria a memória? Diante disso, indagamos: seria possível pensar as obras de Hatoum, de Jurandir e de Freire como uma linhagem do romance de formação amazônico?

É precisamente por meio dessa ideia de passagem de uma identidade conceitual que buscamos compreender o processo de formação do protagonista de *Carabobo*. Esse aprendizado/educação seria resultante de um logro individual ou social? Esse narrador está associado à dimensão histórica das coisas que o cercam? Em razão, de seu recorte intimista e relato pessoal, supomos que o romance de Freire ressalte muito mais uma dimensão particular do que histórica. Acerca desse ponto, *Carabobo* se difere dos percursos históricos trilhados por Jurandir e Hatoum, ao acenar para uma tradição mais direcionada ao indivíduo, ao humor,





à sagacidade e à ironia. Neste sentido, interrogamos: qual é ou quais são os aprendizados – morais, estéticos, políticos ou filosóficos – desse narrador ao chegar à maturidade?

2. Meandros entre a formação do indivíduo e a malandragem picaresca: *Carabobo*, de Agripino Freire

Publicado em 2023, *Carabobo*, romance de estreia do pernambucano Agripino Freire, possui um narrador-personagem que conta de forma memorialística a sua história, como em um longo diário, desde a época escolar, envolvendo as peripécias em sala de aula entre alunos e professora, passando pela educação religiosa, marcada pela figura autoritária da Irmã Tereza, até o convívio no seio familiar, de descendência italiana. Três vocábulos perpassam sua vida doméstica, quais sejam: *bambino*, *ragazzo* e *uomo* – formas afetivas como a mãe lhe chamava ao longo do romance. Enfim, uma vida entre a alegria e a tristeza, como afirma o narrador. Esses mesmos três vocábulos, apresentados por um vertiginoso fluxo de consciência, sintetizam o romance em sua totalidade.

Pouco a pouco, o leitor é permeado pelas memórias do protagonista e, paulatinamente, tem acesso aos seus aprendizados ao longo da infância, seja por meio da professora, Dona Lourdinha, seja pelos sermões da Irmã Tereza, repletos de agonia cristã, ou ainda, pelas lições domésticas ao lado dos pais, Sofia e Genaro, principalmente por meio das histórias narradas pelo pai, que em determinado momento, define a guerra como um monstro indomável, metáfora que permanece no imaginário do personagem.

Cada um dos 13 capítulos da obra contém uma epígrafe que parece antecipar certo ensinamento. De mais a mais, a narrativa segue de forma ágil, evidenciando que o autor (por meio dos eventos narrados) revela-se um grande contador de histórias, de modo a fornecer ao romance uma tessitura episódica em que os fatos são apresentados cena a cena, dando forma a uma espécie de diário que entrecruza memória e ficcionalização da memória. Por volta dos 15 anos de idade, o protagonista decide que precisa encontrar um emprego, então, sai em busca





de sua vocação profissional, primeiramente como auxiliar de mecânico, posteriormente, como ajudante em uma kômbi de locação, em que precisa ir à procura de passageiros.

Há, nesse sentido, uma incessante busca do narrador por ganhar a vida, não apenas em relação ao aspecto econômico, mas também em como aprender a lidar com o mundo e com as pessoas à sua volta. Assim, sob a atmosfera das paisagens urbanas interioranas, esse narrador convive com os diversos tipos sociais, sobretudo com os trabalhadores, malandros, sujeitos bons de lábia.

Uma das histórias contadas por Genaro marca um ponto de inflexão narrativa, é quando o pai narra a vida de Enzo Palermo Carabobo, um antepassado ilustre cuja história é repleta de glórias e de grandes façanhas. Como se uma crônica de navegação ou um relato de viagem atravessasse o texto e fizesse uma interdição no percurso narrativo, a historieta contada pelo pai parece mais significativa do que aparenta à primeira vista: é ela que nos remete ao título do romance. Em um primeiro momento, um nome repleto de passado glorioso, mais adiante, um trocadilho feito por uma das personagens, flertando ironicamente com a ambiguidade (Carabobo, cara bobo), pois esse protagonista sabe muito bem driblar as intempéries da vida. É também por meio dessa historieta sobre a estirpe familiar que o narrador dá mostras daquilo que podemos definir como a tentativa de buscar no passado uma narrativa que lhe dê alguma compreensão acerca de seu núcleo familiar, de suas origens. Dessa maneira, o narrador segue um percurso linear pautado por suas experiências de vida, sendo o leitor convidado a acompanhar esse processo de *educação sentimental* repleto de acenos para o romance de formação.

De agora em diante, apresentamos três questões acerca do romance de formação disseminadas em *Carabobo*, as quais utilizamos como determinantes nas três grandes fases do narrador: infância, juventude e maturidade.





2.1 *Bambino*

As cenas iniciais marcam os traços da infância do herói, tanto os seus anos de aprendizagem escolar, quanto as reminiscências da sala de aula, os sermões da Irmã Tereza e os episódios do ambiente doméstico ao lado do pai e da mãe. É precisamente na intimidade do ambiente familiar que encontramos os traços de afeto que se alastrarão ao longo da narrativa, evidenciados por um personagem que permanece junto aos seus. Logo, nesse trio formado por pai, mãe e filho, vemos a tecitura da epopeia da unidade familiar, em um vai e vem de constantes descobertas internas, ideias íntimas, isto é, realizações que, pouco a pouco, começam a se manifestar na vida do protagonista. Nessa primeira parte do romance, são também as lições de escola que chamam a atenção:

A Irmã Tereza, nossa querida Madre Superiora, exigia, principalmente dos pequeninos, meninos e meninas, um esforço enorme para que aprendessem todos os cânticos e se apresentassem impecavelmente, nas missas de final de semana. Repetia, constantemente, que cantar era o mesmo que orar duas vezes. Se rezar e cantar aprendi com certa facilidade, orar, confesso, não aprendi até hoje. Não aprendi orar até hoje e explico o porquê. Se como dizia a Irmã Tereza, nossa Madre Superiora, cantar é orar duas vezes, na verdade ela nunca nos ensinou a orar. (Freire, 2023, p. 43)

As impressões deixadas pela Madre Superiora na vida do narrador trazem recordações significativas, quase religiosas. Lembrar da infância, buscar memórias distantes, enfim, construir sentidos a respeito de si mesmo para, então, projetar-se no mundo é uma das marcas principais do romance de formação. Assim, também é nesse momento que o pai, Genaro, conta ao filho, o protagonista do romance em questão, uma história de sua genealogia familiar. Conhecemos então a saga de Enzo Palermo Carabobo: narrativa mítica que versa sobre os ancestrais da família: navegantes, desbravadores de estirpe italiana. A historieta é repleta de tons de cena de origem, de mito edificador do sobrenome da família, o que é sugerido na própria ilustração da capa do livro: uma caravela que flutua sobre águas cinzentas. Conforme podemos logo presumir, contar uma história sobre os antepassados é





fazer emergir uma narrativa que faça parte de um imaginário compartilhado entre os semelhantes.

2.2 Ragazzo

Passados os anos de infância, chega-se à mocidade, à juventude. Estamos agora frente ao anseio pela independência, pelo cultivo de ideias íntimas e ambições pessoais. Desde cedo, acompanhamos os intentos que incendeiam sua mente. Assim, conquistar um trabalho se faz essencial para seguir a vida. Auxiliar de mecânica na Oficina do Zé Mário é a sua primeira função exercida, e não tarda para que ele perceba que não possui vocação para executar tal ofício. A falta de afinidade com essa profissão logo é percebida pelo próprio narrador.

Após essa experiência, o protagonista segue seu rumo, deixando transparecer mais um viés do romance de formação: a construção das experiências. Desta maneira, o leitor do romance tem uma espécie de sensação acerca da constante inquietude e inaptidão que o personagem tem para o trabalho braçal. A narrativa segue esse percurso que trafega entre a adolescência e a juventude. Uma das passagens que demarcam essa fase é o momento em que o jovem narrador, entusiasmado e acompanhado pelos novos colegas de trabalho, visita uma casa noturna. Assim, em letreiro disposto em caixa alta e centralizado na página, o leitor encontra os seguintes dizeres:

CAPIM SANTO
SUA CASA, SEU REFÚGIO
Seu remédio para todos os males (Freire, 2023, p. 135)

O uso da caixa alta não é apenas escolha estilística; significa um letreiro em frente ao leitor, convidando-o a adentrar em um ambiente cuja atmosfera é regida pelo estímulo sensorial. A visita àquele lugar desperta no narrador uma intensidade afrodisíaca que é transmitida por meio de sua descrição detalhada, dando margem a uma coloração





monocromática *noir* de diferentes nuances que tingem as páginas com um frenesi sensual em todas as tonalidades de verde camaleônico:

Colorido de uma cor só. A cor verde, mas multifacetada, multicolorida, multi desmembrada. Isso mesmo. Era só uma cor. A cor verde e suas múltiplas tonalidades: verde limão, verde oliva, verde abacate, verde amarelo, gramado, menta e mel, tranquilidade, praia, encanto, guaco, broto de bambu, brisa fresca, floresta viva, quarto de brinquedo, manga-espada, kiwi dourado, pálido, floresta de pinheiros, hortelã, água doce, vento nordeste, rabisco, glacial creme de abacate, sândalo, lima limão, orégano, cidreira, verde Abaco, raspas de limão, marfim indiano, laranja, fantasia, frutas cítricas, erva-doce, sementes de limão, alien, chá de ervas, sálvia, clorofila, grama alta, sorvete de uva, capim criciúma, fazenda, frescor, cascata, Atenas, absinto, folha de alecrim, Araguaia, verdes montes, verde calmo, água marinha, Jardim Botânico, cata-vento, verde simples, Angélica, sereia, pimenta verde, verde diurno, Aloe Vera, Cheiro de mar, céu de outono, verde esperança, coco verde, ervilha seca, vitalidade, folha de hortelã, velejando, verde pastor, Terrier, vila verde, mar à vista, vereda, verde joia, alto da serra, cebolinha, verde coco, águas profundas, verde espacial, campo verde, verde tanque, floresta negra, verde Alison, pântano, verbena, agave, folhagem, verde café, esmeralda, calda de hortelã, Rio grande, floresta, mate da serra, eritrina verde, água da montanha, pipa, profundo, agrião; batatais, mistura de plantas, verde que te quero, fundo do mar, pé de amora, sempre verde, bambu, pacífico, paraíso verde, verde biscuit, verde trovão, Turquia, grama sintética, floresta alta, mata preservada, mar de prata, intenso, exército, claro, bebê, caribe, musgo. Todas essas tonalidades verdianas estavam contidas em todos os lugares e em todos os espaços ali encontrados. Só, então, me dei conta de que as pessoas vestiam roupas verdes. (Freire, 2023, p. 135-136)

Uma sinestesia visual invade o romance, sugerindo a iniciação à vida sexual do protagonista numa casa noturna onde todos usam máscaras; mas ao invés disso, o personagem, por uma ironia do destino, terá um infortúnio que ocultaremos. A cena demarca um revés, um encontro inesperado que coloca o passado e o presente frente a frente, deixando um lastro decadentista em todo aquele cenário fantasioso. Desse modo, o romance alterna entre as guinadas definidas pelos próprios rumos que a vida se encarrega, mas também pelas ações humanas impulsionadas pela ambição e pelo desejo. O que contribui para a noção de romance de formação é justamente esse constante movimento do protagonista mediante aquilo que se apresenta em sua vida: tomadas de decisões, retrocessos e avanços, bem como a maneira pela qual ele encara as oportunidades que o mundo ao seu redor lhe oferece.





E de forma mais decisiva, é precisamente nesse prenúncio da vida adulta que se desenvolve também uma perspicácia, uma grande vontade de vencer, de conquistar altos patamares, de aproveitar os acasos e as conveniências que a vida traz.

2.3 *Uomo*

A vida pública – acadêmica e profissional – toma as páginas de amadurecimento do protagonista. Nesse objetivo de conquistas, ele projeta um manual para direcionar sua vida e seus planos.

Minimanual de um homem bem-sucedido:

- 1- O prazer é o objetivo número 1 nesta vida;
- 2- Os fins justificam os meios;
- 3- Às favas com os escrúpulos;
- 4- Tudo posso se assim desejar;
- 5- Aos amigos, o perdão; aos inimigos, a mentira;
- 6- Certo ou errado, eu estou certo;
- 7- Se eu sonhar que você errou, posso puni-lo;
- 8- A verdade é a minha interpretação dos fatos;
- 9- A confiança é a obrigação sua para comigo;
- 10- O conhecimento deve ser para poucos;
- 11- O mérito sou eu que invento;
- 12- Amigo é quem sempre concorda com o que digo;
- 13- Fala pouca, meu refrão primeiro;
- 14- O verdadeiro sábio nunca diz o que pensa;
- 15- Primeiro eu, segundo eu, terceiro eu;
- 16- Nem preto, branco ou vermelho, sou sangue azul;
- 17- A dor é o meu único presente para o outro.

Autor: Papini Palermo Carabobo (Freire, 2023, p. 219-220)

A partir desse manual com um toque maquiavélico – e a esta altura do romance, quando este é apresentado pelo narrador –, deixa-se transparecer o desvio de caráter do protagonista. Tal aspecto leva o leitor a compreender algumas das decisões tomadas pelo protagonista até o momento, ou seja, como alguém sempre à espreita de uma oportunidade que o posicionasse no mundo. Os anos passam, a vida segue seu percurso e o protagonista obtém os seus ganhos, assim, os seus sonhos se concretizam em uma escala crescente, deflagrando a teleologia que atravessa Papini:

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.3.n.5. out/nov/dez. 2025 - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





Minha estada na Europa e, principalmente na Itália, deram-me mais segurança e confiança naquilo que almejava para minha vida. A primeira conquista foi ter conseguido cumprir minha meta inicial que era conseguir concluir meus estudos em dez anos. Eu consegui! Quatro anos na graduação, dois no mestrado, três no doutorado e um no pós-doutorado. “Dez anos! Dez anos!”, gritava interiormente, orgulhosamente. Não importa como consegui esse feito. “Os fins justificam os meios!” Aos trinta anos de idade, com títulos nas principais universidades europeias, faria o que desejasse ao voltar. Pensava eu: “os fins justificam os meios!”. (Freire, 2023, p. 243)

Nesse sentido, acompanhamos uma ascensão do protagonista rumo ao topo e às conquistas individuais, bem como seu gradativo acesso a um mundo ambicionado, tanto no tocante ao desempenho acadêmico quanto ao deslanche de sua carreira profissional.

Levantados esses pontos, seguimos com a hipótese de que, seja por sua ironia e humor somados a outras questões, a noção de romance de formação em *Carabobo* tem uma relação com uma tradição do romance picaresco moderno. Neste sentido, partimos do pressuposto de que essa relação se dê por meio do discurso do narrador, às vezes, alegre, por vezes, triste, mas sempre deixando uma impressão de galhofa à maneira da primeira geração modernista, ou seja, macunaímico e espertalhão, ou ainda, um narrador que encara com certa ironia os seus próprios defeitos, que é avesso a heroísmos, que faz lembrar o de *Memórias de um Sargento de Milícias*, cujo narrador revela os triunfos e as desgraças de um anti-herói – Leonardo Pataca, personagem-símbolo do gênero pícaro no Brasil. Conforme afirma Antonio Candido (2023):

[...] a humildade da origem e o desamparo da sorte se traduzem necessariamente, para o protagonista dos romances espanhóis e os que os seguiram de perto, na condição servil. Em algum momento da sua carreira ele é criado, de tal modo que já se supôs erradamente que sua designação proviesse daí – o termo “pícaro” significando um tipo inferior de servo, sobretudo ajudante de cozinha, sujo e esfarrapado. E é o fato de ser criado que decorre um princípio importante na estruturação do romance, pois passando de amo a amo o vai-se movendo, mudando de ambiente, variando a experiência e vendo a sociedade no conjunto. (Candido, 2023, p. 22)

Aliás, vale destacar que “ajudante de cozinha” era o trabalho inicial de Enzo Palermo Carabobo, herói de grandes façanhas e protagonista da narrativa contada pelo pai de Papini. Logo, isso faz com que haja uma espécie de espelhamento entre a história do ajudante de





cozinha que se transforma em herói navegante e o protagonista Papini Carabobo, a qual é cercada de infortúnios e má sorte, mas, ao mesmo tempo, ele é capaz de converter os reveses da vida, de acordo com os seus interesses e objetivos.

Lembremos que é possível conceber o gênero picaresco como um protótipo do romance de formação, de tal modo que os critérios para se distinguir um conceito do outro podem ser relativizados, a depender dos ângulos de análise. Em todo caso, desde *Lazarillo de Tormes*, o marco do gênero, o picaresco assumiu formas alternativas, desviando das marcas do gênero romanesco em seu sentido mais estrito. Assim, essa marca desviante muito tem a ver com as escolhas que os protagonistas fazem durante o percurso heroico, ora cercados de infortúnios, desavenças e trapaças, ora circundados de boas surpresas, de acasos que mudam o destino. Ao mesmo tempo, é nesse momento, isto é, no instante da escolha mais corriqueira, permeada por um riso maléfico com os cantos da boca, que o leitor tem a sensação de que o que separa a formação da deformação é um simples sentido negativo que a Língua Portuguesa atribuiu ao prefixo “de”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo pontuou que o romance de formação tem suas variações, não pertencendo, portanto, a uma unidade semântica centrada exclusivamente em modelos narrativos europeus. Logo, trata-se de um conceito cujos parâmetros podem ser relativizados no tempo e no espaço em que é evocado. Refletindo dessa maneira, o gênero se mobiliza, alcançando novas direções que são constantemente reivindicadas pela literatura contemporânea, e que se desdobra quando é considerada a prefiguração de uma literatura produzida em uma espacialidade amazônica, que já possui autorias consolidadas vinculadas ao romance de formação. Em todo caso, embora o artigo busque essa linha de direção voltada ao romance de formação amazônico, em *Carabobo* não há descrições espaciais e geográficas estereotipadas. Ao contrário disso, o romance está centralizado em um indivíduo universal, cercado de dilemas inerentes à condição humana.





Quando do momento de escrita desse artigo, foi interessante mencionar o gênero picaresco, já que em *Carabobo* há um olhar irônico sobre as ascensões e quedas do protagonista, mais afeito à “dialética da malandragem”. Ademais, nada impede esse entrecruzamento dos gêneros, demonstrando mais um dos aspectos das transformações do romance, indistinção de fronteiras, polifonia de gêneros: o diário, o romance de formação, o elemento picaresco – “mutações da literatura” brasileira contemporânea, alusão à coleção de ensaios de Leyla Perrone-Moisés.

Sob essa perspectiva, o aprendizado tem a ver com certa falha de caráter por parte do protagonista, que deseja vencer na vida ainda que seja por meio da derrocada alheia. Papini Palermo Carabobo, humoradamente maquiavélico, sem medir esforços, mas como quem nada deseja, observa a vida atento às oportunidades, sendo guiado por seu *minimanual de um homem bem-sucedido*. Ele encara o mundo de forma tacitamente aguerrida, sempre em busca de seu desenvolvimento pessoal.

Por fim, as questões expostas não se esgotam. Apoiamo-nos no romance de formação como ponto de partida, mas também buscamos levantar questões acerca do romance picaresco, marcando, assim, uma indecisão, uma porosidade característica das narrativas contemporâneas. Se de um lado, a origem humilde do protagonista de *Carabobo* impede-nos de concebê-lo como um exemplo do romance de formação – ainda que tenhamos como horizonte a noção de romance de formação amazônico –, ao mesmo tempo, compreendê-lo como romance picaresco talvez seja pressupor um sentido exagerado em relação à narrativa de Agripino Freire, colocando-a em uma linha tênue entre um gênero e outro, rasurando a própria devoção à classificação dos gêneros europeus largamente canonizados.

O humor, a ironia e a malandragem estão presentes, mas não a ponto de transformarem a narrativa em paródia descomedida que enaltece um anti-herói. A partir dos aspectos explorados, podem surgir pesquisas futuras que abordem, por exemplo, quando Bakhtin (2003) menciona quatro tipos de romance formação; pode-se, então, refletir talvez acerca de qual dessas categorias mais se avizinha do romance de Agripino Freire, ou ainda, destacar o seu tom de narrativa memorialista atravessada por diversas bifurcações: desde a malandragem





juvenil à vida adulta de um “eu” observando o passado com uma luneta cuja lente contém nódoas de melancolia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. “O romance de educação e sua importância na história do Realismo”. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 205-225.

BOLLE, Willi. **grandesertão.br**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2023.

CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. In: _____. **O discurso e a cidade**. São Paulo: Editora Todavia, 2023. p. 19-53.

FREIRE, Agripino. **Carabobo**. Rio de Janeiro: Ases da literatura, 2023.

MAZZARI, Marcus Vinicius. “Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister como Protótipo do Romance de Formação”. In: _____. **Romance de formação em Perspectiva Histórica: O Tambor de Lata** de Günter Grass. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999. p. 67-87.

MAZZARI, Marcus Vinicius; MARKS, Maria Cecilia (orgs.). **Romance de formação: caminhos e descaminhos do herói**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

MORETTI, Franco. **O romance de formação**. Tradução de Natasha Belfort Palmeira. São Paulo: Todavia, 2020.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

POMPEIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Penguin-Companhia, 2013.

Recebido em: 14/09/2025

Aprovado em: 19/10/2025

Publicado em: 10/11/2025

